

## A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO NA OBRA DÔRA, DORALINA, DE RACHEL DE QUEIROZ

Maria Eveuma de Oliveira<sup>1</sup> (UERN)

### **Resumo:**

*O presente artigo se propõe analisar como se apresenta o espaço narrativo em Dôra, Doralina, de Rachel de Queiroz. Destacaremos o espaço que se dá através do encontro da casa, da rua e da estrada, nas ações vivenciadas pela protagonista. O espaço da estrada configura-se como elemento maior da narrativa, assim como na vida da protagonista. A ideia de fronteiras que percebemos no romance é que as fronteiras que levam a personagem a ser uma andarilha vão além da sua memória, da sua história, do seu lugar. Concluímos, ao final, que o retorno da heroína para casa, comprova que ela é consciente de suas conquistas e aprende a viver no mundo em que fora lançada. A rua autentica sua maturidade, mas não a desvincula de suas raízes. Esta investigação tem por pressupostos teóricos as formulações de Gaston Bachelard (1993); Roberto da Matta (1985); Oziris Borges Filho (2009), que respaldarão as reflexões que desenvolveremos no nosso trabalho, sobre este tema e obra em estudo.*

**Palavras-chave:** Espaço, Fronteira, Retorno.

### **1 Introdução**

Numa narrativa autodiegética, Dôra vai trazendo o passado para o presente, a conta gotas, incitando a curiosidade do leitor. Primeiro, os fatos ocorridos num passado distante; depois, os mais dolorosos, que lhe trazem, ainda, um gosto amargo à boca: “Passo às vezes um mês e meio – e sem ninguém falar nela passo muitos meses, ah, passaria até anos sem me lembrar de Senhora. Mas teve um tempo em que ela me doía e me feria e ardia como uma canivetada aberta” (QUEIROZ, 2004, p. 16). Os acontecimentos passados vão se sobrepondo uns aos outros através das lembranças da narradora: ora surge o passado remoto, ora o presente, ora o passado recente, segundo a ordem em que os acontecimentos vêm à mente de Dôra.

Rachel de Queiroz, lembrando-nos, em sua crônica Memórias, sobre o enredo de seus romances, afirma:

Sempre senti que às minhas histórias faltava essa coisa básica do romance que é o enredo. Um sistema compacto de narrativa, tal um rio no seu curso. Comigo é como uma paisagem de lagoas: poça de água aqui, poça de água ali, tudo salteado, descombinado, sem continuidade – e mormente sem a força de corrente que o rio tem. Água parada (QUEIROZ apud HOLLANDA 2005, p. 27).

Dôra, Doralina (1975), é um romance em movimento, assim como sua protagonista. Tem seu enredo “salteado”, como diz Rachel de Queiroz, embora não venha em uma sequência cronológica, até porque foi escrito em cinco décadas subsequentes, dos anos 1930 aos anos 1970. O passado lembrado não é linear. Nesse sentido é importante destacar o pensamento de Benjamin sobre o espaço-tempo da narrativa onde o mesmo representa bem esse aspecto do romance ora analisado: “A narração avança e recua sobre a linha do tempo, como que transbordando a finitude espaço-temporal que é própria dos acontecimentos vividos” (1989, p. 37); abrindo as portas para o que veio antes e depois.

Uma recordação chama outra, compondo uma teia mais ou menos singular, onde ela recolhe e amarra suas imagens compondo assim, sua história. É exatamente assim que se configura o enredo do romance *Dôra*, Doralina através das ações da protagonista, que revive seu passado aliando-o ao presente, de forma que tanto o passado como o presente construirão uma teia que certamente irá influenciar nas suas decisões e comportamentos futuros.

O tempo no espaço da casa vai se configurando da seguinte forma: encontro/provação/transformação, pois a partir desses acontecimentos o fio da narrativa vai se constituindo de forma surpreendente através dos acontecimentos vivenciados pela personagem. Maria das Dores tinha um relacionamento hostil com sua mãe, nitidamente à base de provocação, pois ambas viviam numa luta de poder e de palavras, embora o poder de Senhora reinasse naquele lugar. O tempo consumira a mágoa, o ressentimento, o amargor, restando apenas uma lembrança desconfortável. Doralina sai de casa depois da morte do marido, que morre acidentalmente, com um tiro de uma espingarda. Esta opta por uma vida andarilha e nesse caminho novo encontra, o Comandante. Depois da morte deste *Dôra* retorna à Soledade e se transforma na nova senhora que governará, com os mesmos gestos e o mesmo pulso firme à Fazenda, igual à outra senhora que não existe mais.

No romance *Dôra*, Doralina tem-se o espaço da estrada delimitado com a saída da personagem logo após a morte de Laurindo. Chegando à capital Doralina consegue um emprego na *Companhia das Comédias Burlertas Brandini*, e a partir de então a estrada passa a ser sua maior aventura, pois ela conhece, através de suas andanças, vários estados e cidades interioranas do país. Em uma de suas viagens, em um navio, conhece Asmodeu, o seu Comandante, o espaço determinado é que se dá a magia do encontro.

## 2 A personagem além de suas fronteiras

A vida é um constante movimento, “estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando novos” (COSTA, 2004, p. 138). É exatamente o que a personagem Doralina faz: “De meninota vinha me preparando, criando coragem para aquela aventura. [...] Teatro! Mas teatro de verdade: Comédia, balé, opereta, com artistas do Rio de Janeiro, no teatro José de Alencar, Fortaleza” (QUEIROZ, 2004, p.113-114). No romance essa é a primeira saída da protagonista de seu espaço natural, para a qual ela usa a desculpa de ir ao dentista, mas na verdade, Doralina vai ao teatro todos os dias em que esteve na capital cearense com Dona Loura, dona da pensão em que estava hospedada.

A protagonista, ao sair de casa procura não mais querer lembrar nada que a prendesse àquele lugar, por isso tenta reconstruir sua vida em novos territórios, junto à Companhia de Teatro. E é exatamente o que a personagem faz. Traída e sem rumo, *Dôra* sai em busca de seus sonhos e de novas aventuras. Sua vida andarilha lhe trará novos laços, novas amizades, uma nova família e um grande amor.

E nessa nova aventura junto à Companhia, Maria das Dores vai conhecendo novas pessoas, novos lugares, tornando-se cada vez mais uma andarilha:

Agora, ali no Recife, a gente convivia mais com Seu Ladislau e era ele que nos acompanhava nas temporadas-relâmpago pelo interior. E foi ele que começou a maquinar um projeto de nos levar ao Rio por terra. [...] A ideia era se ir de trem até a ponta da linha em Rio Branco, e de lá se tomava a condução de carro a Petrolina. Em Petrolina, que fica defronte a Juazeiro da Bahia, do outro lado do rio São Francisco, se tomava um vapor. Eu, pra mim, eram tudo novidades (QUEIROZ, 2004, p. 169-170-172).

Dôra, Doralina, a cada dia se distancia ainda mais do seu lugar de origem. Seja por terra, seja através do rio, não importava aonde ela iria chegar. Queria manter distância daquilo que para ela não passava de lembranças que gostaria de esquecer e apagar em definitivo da sua vida. Partindo dessa afirmação é interessante destacar o pensamento desse estudioso que dialoga bem com a narrativa queiroziana: “Mas essa procura de um lugar o leva a partir. Ir cada vez mais longe. O reencontro de si mesmo só pode se fazer através de uma viagem. É preciso estar distante para ser alguém. Não ter casa para estar mais consigo mesmo” (PEIXOTO, 1987, p.81). Afinal, Maria das Dores precisava sair para percorrer novos territórios como forma de reconstrução de sua identidade. E foi nesses caminhos que ela percorreu que enfrentara seus percalços como forma de construção de uma identidade que ela jamais pensara em se transformar, pois ao retornar não seria mais a menina de outrora, mas sim a nova senhora da Soledade.

Além de abarcar amplos domínios, as fronteiras que a personagem-narradora percorreu se apresenta muitas vezes como porosas, permeáveis e flexíveis. Deslocam-se ou são deslocadas. Se há dificuldade em pensá-las, em apreendê-las, é porque aparecem tanto reais como imaginárias, intransponíveis e escamoteáveis. Pensando assim a ideia de fronteiras, percebemos no romance ora estudado que as fronteiras que levam a personagem a ser uma andarilha vão além da sua memória, da sua história, da Fazenda Soledade. Essas fronteiras transpõem os limites da alma de Maria das Dores.

Nos novos caminhos percorridos, em busca de liberdade, Doralina não consegue ir além de suas fronteiras, pois estava presa ao seu lugar. É o passado-presente que interferirá nas decisões dela futuramente. Partindo dessa afirmação é interessante ressaltar que:

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com o “novo”, como ato insurgente, e não parte do *continuum* do passado e do presente. Gera uma produção artística que não apenas retoma o passado – causa social ou precedente estético -, mas o renova, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que, além de inovar, interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade (e não da nostalgia) de viver (PESAVENTO, 2001, p.134).

É nesse “entre-lugar” (Proposto por Silviano Santiago nos anos 70, este conceito de “entre-lugar” transpassou as fronteiras e tem sido utilizado em diversos países com diferentes nomenclaturas, segundo registra Núbia Hanciau (2005, p. 127). Em nosso caso, este conceito pode ser aplicado como forma de representação de uma terceira margem, um caminho do meio que consiste nos processos de deslocamentos, de nomadismo, em que o projeto identitário possa nascer da tensão entre o apelo do enraizamento e a tentação da errância) que Doralina começa a emoldurar sua identidade, pois é um passado que está ligado a um presente; suas lembranças sempre cíclicas como a seca, que pairava no sertão, é que vão conduzindo o novo jeito de ser dela. São essas lembranças tão presentes na alma de Maria das Dores que vão conduzindo, ou melhor dizendo, reconduzindo a protagonista para um retorno nunca imaginado.

A travessia realizada pela protagonista pode ser relacionada com a de Riobaldo, de Grande sertão: veredas. Tal personagem não realiza uma simples travessia do espaço físico, pois, à medida que percorre as veredas do sertão, ele também incursiona às veredas da consciência. Ocorrem, simultaneamente, duas travessias: a do espaço exterior – o sertão – e a do espaço interior – a consciência da personagem – pois o sertão é dentro da gente. Com Maria das Dores não fora diferente, o sertão estava dentro dela.

E na sua viagem como andarilha Maria das Dores realiza sua travessia. A travessia

que significa movimento de um ponto a outro, ou passagem de um estado a outro, está presente na vida dela. Dôra ao conhecer o Comandante não dominava o sentido, porque ele passa a ser, momentaneamente, a direção da sua travessia, pois era o outro, o Comandante, que não só realizou sua maior travessia, como também deteria o segredo do seu ser, pois com este houve sua entrega maior ao amor. Junto à Companhia ela perpassa momentos agradáveis e também difíceis, pois algumas decisões implicava no que Dôra era como pessoa e no que ela se tornara - uma atriz de teatro mambembe, por isso o medo que Dôra sentia nessa travessia que ora se apresentava diante dela, nada mais era que a consciência da falta de fundamento de seu ser, que afetava a sua origem - lugar de saída - e o seu destino - lugar de chegada da travessia da vida. Doralina o conhece numa viagem de navio e assim ele aparece na vida dela, assim como o navio, sempre em movimento. O comandante, cujo trabalho é de realizar travessias, levar e trazer passageiros de uma margem a outra quando na inexistência de pontes, ao facilitar a travessia de fronteiras fará Dôra realizar sua grande travessia amorosa, pois ele é quem conduzirá Maria das Dores para transpor as próprias fronteiras da vida.

Através do navio sobre as águas do Rio São Francisco Doralina conheceu o seu Comandante.

[...] o rio muito largo, um pedaço de lua clareando as águas, o mato fechado, negro, lá longe; de vez em quando um peixe saltava, o navio avançava devagar, e lá atrás vinha a zoadá da roda, fazendo chape-chape, compassado. [...] ficamos muito tempo, calados, olhando o rio (QUEIROZ, 2004, p.223).

Observando o rio parado, a protagonista contempla sua vida, pois assim como o rio parado também estava a alma de Dôra, haja vista seu pensamento naquele momento estava na Soledade, como algo de que ela não conseguisse desprender-se. Era sua alma que estava repousando através dos seus pensamentos. Partindo desse pensamento é interessante destacar o pensamento de Lukács sobre a alma humana, que evidencia o enclausuramento em que se encontrara Doralina:

A alma é algo que repousa, para além dos problemas, na existência transcendente por ela atingida; nenhuma busca, nenhum desespero pode nela surgir a fim de arrancá-la para fora de si e pô-la em movimento, e os combates inutilmente grotescos por sua realização no mundo exterior tampouco podem afetá-la: em sua certeza íntima nada pode abalar, mas isso somente porque ela está enclausurada nesse mundo seguro, porque é incapaz de vivenciar seja lá o que for. [...] Como ela repousa intocada por todos em sua existência essencial, cada um de seus impulsos tem de ser uma ação voltada para fora. A vida de semelhante homem, portanto, tem de tornar-se uma série ininterrupta de aventuras escolhidas por ele próprio. Ele se lança sobre elas, pois para ele a vida só pode ser o mesmo que fazer frente a aventuras (LUKÁCS, 2000, p.101-102).

E assim a alma de Dôra repousa como as águas do Rio São Francisco. Tão imensa e inatingível, porém tão próxima e tão intocada pelo seu Comandante. O mundo novo estava por vir na vida de Doralina. Novas aventuras iriam iniciar ao lado do seu grande amor – o Comandante. Sua vida até agora tinha sido de muitas aventuras ao lado da Companhia, mas surge neste momento algo novo, inesperado: Asmodeu estava ali frente a frente com Doralina. Sua alma repousava agora nos seus pensamentos e lembranças, mas logo, logo,

iria repousar nos braços do Comandante.

O rio é um elemento importante que aparece na vida da protagonista. Ele representa não só a travessia, como também as fronteiras da vida dela. Separando as etapas da sua vida, pois ao atravessá-lo deixava sempre um passado para trás e ao chegar à outra margem encontrava sempre a possibilidade de um novo recomeço. Sendo assim é interessante destacar que o rio, segundo O Dicionário de Símbolos representa:

O simbolismo do rio e do fluir de suas águas é ao mesmo tempo, o da possibilidade universal e o da fluidez das formas (F. Schuon), o da fertilidade, da morte e da renovação. O curso das águas é a corrente da vida e da morte. Em relação ao rio, pode-se considerar: a descida da corrente em direção ao oceano, o remontar do curso das águas, ou a travessia de uma margem à outra. [...] a travessia é a de um obstáculo que separa dois domínios, dois estados: o mundo fenomenal e o estado incondicionado, o mundo dos sentidos e o estado de não-vinculação. A margem oposta é o estado que existe para além do ser e do não-ser. Aliás, esse estado é simbolizado não só pela outra margem, como também pela água corrente sem espuma (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p.780-781, grifos do autor).

O rio se apresenta diante de Doralina representando metaforicamente as possibilidades que surgem na vida dela. Possibilidades das travessias que ela iria percorrer. Duas margens que marcaram a vida de Dôra: uma marcada pela dor de um passado que carregaria para sempre; e outra, que se anunciava com esperança, esquecimento e amor; pois esse novo momento da vida dela, viria como uma nuvem que carregaria as suas dores e sofrimentos de um passado que ela queria esquecer. Não só o rio surgia diante de Maria das Dores, surgia também o navio como metáforas de passagem:

[...] aquele navio movido pela grande roda d'água, por dentro era como um navio do mar – apenas um navio menor e mais aberto. Tinha um salão no convés, de amurada a amurada, protegido com grandes cortinas de lona verde desbotada pelo sol. E uns camarotes pequeninos, mais tarde eu conheci parecidos num, noturno mineiro... e em cada camarote duas camas-beliche, uma por cima da outra (QUEIROZ, 2004, p. 220).

Assim como o navio estava a vida de Maria das Dores, protegida por uma “cortina desbotada pelo sol”. Essa era uma das metáforas da sua vida: a qualquer momento essa cortina poderia se abrir ou se rasgar, pois a ferida que ela carregava consigo era maior do que se podia imaginar: “Daquelas horas de horror a maioria das coisas me recordo como se fosse agora, mas outras importantes, passadas naqueles mesmos dias, podem me matar que eu não me lembro” (QUEIROZ, 2004, p.102). Se ninguém mexesse, não se rasgaria, evidentemente. E ela procurava “não mexer”, por isso, evitava falar com qualquer pessoa sobre o que deixara para trás, até mesmo com o seu Comandante.

Assim como o navio que avançava devagar, também estava a vida dela avançando vagarosamente, rumo ao desconhecido, sempre caminhando para um lugar diferente. A “zoada da roda, fazendo chape-chape” aparece como metáfora não só do pensamento de Dôra, como também de muitas ações que acompanhavam a protagonista, pois seu pensamento ultimamente estava voltado para a última carta que ela recebera de Xavinha com notícias da Fazenda. Volta e meia essas notícias voltavam a incomodá-la, inclusive a notícia de que Senhora não estava bem: “E lembrando Xavinha, lá voltou o caso da carta: foi aquele engulho azedo no meio da minha alegria” (QUEIROZ, 2004, p.258).

O navio separava os seus passageiros através de duas margens: o ponto de partida e o ponto de chegada. A vida de Doralina também estava sempre separada por duas margens: num primeiro momento – a traição e a vida errante que ela teria que seguir; num segundo momento – teria que escolher entre a Companhia e o seu Comandante; e num terceiro momento – ficar no Rio de Janeiro sem o Comandante ou retornar à fazenda Soledade. E assim Dôra seguia seu curso naquele navio que no momento representava o lugar dos seus sonhos, já que estava ao lado do amor de sua vida.

Segundo Peixoto (1987), todas as relações entre viajantes são o resultado desta constante mudança de lugar. Espaço e movimento determinam o comportamento deles. Estão sempre esperando ou indo encontrar o outro, ficando juntos ou se separando. Daí o clímax de suas amizades se darem sempre quando do empreendimento de um trajeto comum, ao atingirem o ponto mais distante. É quando tem a sensação de estar na mesma rota, de terem chegado juntos no mais distante e isolado dos lugares. Eles estão repartindo sua perdição e solidão. Só na estrada é que podem alcançar isso. Como se o sentimento de ser alguém e de ter um lugar fosse para eles a conquista de um movimento permanente através de uma irreduzível geografia. Maria das Dores, na sua vida andarilha, no espaço da estrada junto à Companhia, não só seguiria o mesmo percurso como encontraria amigos verdadeiros com quem formaria laços que jamais seriam desfeitos. Nessa caminhada Doralina encontra o amor da sua vida e constrói raízes sólidas que só serão arrancadas com a morte.

### **3 A configuração do espaço em Dôra, Doralina**

Antes de abordarmos especificamente as questões ligadas a casa, vamos falar um pouco sobre território e territorialidade. Segundo Oziris Borges Filho (2009), do latim *Territotium* significa pedaço de terra apropriado. De modo geral, território é um espaço apropriado, definido e delimitado por múltiplas relações de poder. É, portanto, um campo de relações sociais projetadas no espaço e construído historicamente que pode nos remeter a diferentes contextos e assumir significados distintos de acordo com a formação solo espacial em que está inserido. Ainda segundo o autor, o conceito de território inicialmente foi associado à parte física dos Estados (solo, espaço aéreo e águas territoriais), mas para algumas sociedades, como as indígenas, por exemplo, este conceito está ligado ao sentimento de identidade (cultura, relações sociais e religiosas) que elas têm em relação à parcela que habitam.

A diferenciação dos territórios está vinculada às dimensões físicas, econômicas, simbólicas e sociopolíticas. Destacamos a questão da dimensão simbólica, entendida como um conjunto de relações culturais e afetivas entre um grupo e lugares particulares, um elemento constitutivo de sua identidade. Segundo a socióloga, doutora em geografia e pesquisadora do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT, Sarita Albagli: “Cada território é, portanto, moldado a partir da combinação de condições de forças internas e externas, devendo ser compreendido como parte de uma totalidade espacial” (ALBAGLI apud FILHO 2009, p. 156).

A partir desse conceito podemos perceber que a casa é um território, dada a sua dimensão simbólica e o caráter histórico em relação a seus habitantes. No romance em estudo, a casa uma vez que representa a genealogia fundada pelos avós e bisavós de Dôra, já que entre a fazenda Arábia a fazenda Soledade “tinham uma questão de extremas que já vinha de avós e bisavós” (QUEIROZ, 2004, p.32-33), representando assim os sentimentos e as raízes de uma família.

Com relação à dimensão física desse território pode-se afirmar que ele está inserido no contexto social da época como representação de poder e dominação, já que Senhora era temida pelo poder que representava e principalmente por ser dona de tantas terras herdadas do marido e dando continuidade ao poder que aquele representava na região.

Tratando da territorialidade de Dôra, logo pensamos em seu quarto, sua alcova, espaço aconchegante e de intimidade:

Alcova, lá, era o quarto do casal que vivera fechado por anos e anos desde que meu pai morreu. [...] E embora eu também de noite não entrasse, de dia gostava de me fechar na alcova, sozinha, e pensar no meu pai, ali como ele era no seu retrato da sala, com o bigode retorcido, a gravata grande com um alfinete de coral rodeado de brilhantes miúdos (QUEIROZ, 2004, p.20).

Nesse subespaço, ela cultivava como hábito principal a leitura, quando adolescente, assim como era nele que guardava as melhores lembranças de seu pai. Foi nele também que Dôra viveu uma vida de mentira e traição ao lado do seu finado marido Laurindo, a quem ela só queria esquecer.

A cozinha é outro subespaço da casa que está representado na obra:

Mas os meus amores se concentravam na cozinha. Cozinha para mim, desde que eu me entendia, era só a caverna escura da velha Maria Milagre [...], o fogão da chapa de ferro ('aquela fornalha come lenha como uma boca do inferno', reclamava Senhora quando as meninas vinham prevenir que a lenha tinha acabado), e a água nos potes, e aquelas panelas imensas de barro e ferro, só alguma rara de ágata ou de alumínio mas essas penduradas na parede como enfeite; e a louça que se levava no alguidar de barro, e as cascas secas de laranja penduradas das ripas do telhado, e o toucinho salgado defumando por cima do fogão, e as galinhas entrando e saindo (QUEIROZ, 2004, p 318).

Maria das Dores mal passava por lá; quando queria bater um bolo ou uns biscoitos era na mesa do alpendre de trás, onde se dava comida aos trabalhadores, pois não sabia cozinhar comida de sal; até porque, segundo a narradora, “moça de fazenda não faz coisa grosseira, isso se deixa pras cunhãs; moça faz bolo e doce fino. E o queijo era segredo de Senhora com seu mulherio, na queijaria” (QUEIROZ, 2004, p.318-319).

Maria das Dores de repente é tomada por uma sensação de deslocamento. Essa não é sua cozinha. Essa é a cozinha de alguém conhecido, alguém distante, que mora no recanto da sua memória. Ela vive em outro lugar; distancia-se dela. Sente a presença de seu próprio fantasma.

Ao observarmos a cozinha como espaço de interiorização não só da casa, mas também da personagem, é interessante destacar o pensamento do estudioso Roberto da Matta, que dialoga perfeitamente com a narrativa queiroziana:

O interior das casas, reservado às mulheres, é um santuário em que o estranho nunca penetra, e pessoas que me demonstravam maior confiança jamais permitiriam que meu criado entrasse na cozinha [...] era obrigado a acender o fogo fora, nas senzalas ou em algum alpendre. Os jardins sempre situados por trás das casas, são para as mulheres uma fraca

compensação de seu cativo, e, como as cozinhas, são escrupulosamente interditados aos estrangeiros (1985, p.44).

Na fazenda Soledade, pelo que observamos na passagem da narrativa, a cozinha também era um espaço proibido a Maria das Dores. Afinal, como já citado anteriormente, era uma “vida de cativo” que ela vivia e se sentia não como uma filha, mas como uma hóspede. Mesmo em casa Doralina pode representar a figura do estrangeiro que não tem direito de transitar em todos os espaços da casa, pois Senhora não permitia. Mais uma vez percebemos o poderio da Senhora da Soledade governando a tudo e a todos.

Em contrapartida, diferentemente da cozinha da Soledade, onde a protagonista não tinha acesso, era a cozinha de Dôra, no Rio de Janeiro, que ela encontrava alegria e felicidade:

Agora minha cozinha parecia de casa de boneca com as suas panelas de alumínio pequeninas, só para nós dois, e o fogão de gás esmaltado como porcelana que eu trazia espelhando, e o mosaico do chão branco que nós mandamos botar com seus desenhos azuis. O comandante brincava que a minha cozinha parecia uma farmácia; mas podia ver que ele adorava se sentar num banco (também branco e esmaltado!) na minha mesa de cozinha, coberta com um oleado de xadrez (QUEIROZ, 2004, p.319).

Depois dessa sensação de estar ou não fora do lugar, ou da cozinha, Dôra continua seu caminho, de súbito ela volta à sua vida cotidiana e percebe que ali é a sua casa, as suas panelas e o seu fogão, com o seu companheiro, e aquela era a sua vida, e não quer nenhuma outra. Sentia-se feliz e orgulhosa por ter um lugar e um amor seu verdadeiramente, não era uma ilusão, era uma realização em sua vida. Afinal, ela já não era mais aquela menina ingênua e dominada pelo poder de Senhora, mas sim dominada pelo amor do Comandante, e tinha um lugar que realmente pertencia a ela.

A casa, dispersa ao longo das páginas, vai, pouco a pouco, tomando forma como um quebra-cabeça. A começar pela alcova, que vivia fechada desde a morte do pai da protagonista: “Tinha uma cama das que se chamavam de bilros, torneada, um guarda-roupa e uma cômoda” (QUEIROZ, 2004, p. 20). É esse compartimento, que cheira a passado, guarda segredos e no qual as domésticas evitavam entrar durante a noite com medo da alma do morto, que Dôra escolhe para viver com o marido, como se o espírito do pai pudesse neutralizar a presença da mãe.

Só se tem noção da casa, como um todo, quase no final do romance, quando, após a morte de Senhora, Doralina volta pela primeira vez à fazenda e, de dentro do carro de aluguel, avista sua antiga morada: “E por fim, no alto do largo cabeço, a casa velha da Soledade com o seu alpendre de entrada, os seus oitões de lado, à esquerda o comprido chalé do paiol, à direita o cata-vento e o açude” (QUEIROZ, 2004, 373).

O restante da casa surge disperso ao longo do romance: a sala com as cadeiras de vime, o piano e o gramofone da época em que o pai da protagonista era vivo: a sala de costura e a máquina de new home; a sala de jantar e a mesa farta; o alpendre e as redes acolhedoras. Era assim a casa-grande da Fazenda Soledade. Representando a vida e o dia-a-dia da protagonista narradora, mostrando a vida simples e acolhedora daquela gente. Mostrando o espaço que envolvia Maria das Dores naquele ambiente simples e acolhedor.

A casa, como afirma Bachelard representa o íntimo de cada ser, sendo assim podemos observar através do pensamento do estudioso que:



Analisada nos horizontes teóricos mais diversos, parece que a imagem da casa se torna a topografia do nosso ser íntimo. [...] Não somente nossas lembranças como também nossos esquecimentos estão “alojados”. Nosso inconsciente está “alojado”. Nossa alma é uma morada. E, lembramo-nos das “casas”, dos “apostos”, aprendemos a “morar” em nós mesmos (1993, p.20).

A casa representa a metáfora da existência de nossa protagonista. Nela se espalha toda uma vida de dor, desde a fase de criança a fase adulta, desde as suas brincadeiras de infância ao seu fadado casamento. Essa existência de Dôra estaria ligada à sua morada, afinal sua alma estava presa à Fazenda Soledade.

A casa é o berço, a intimidade, uma referência e nela Dôra teceria os ciclos da sua vida, do seu retorno constante, do seu destino, de suas idas e vindas, pois iria se fixar em sua própria origem. Sobre essa fixação, é possível afirmarmos que ela se desenvolve de maneira tríplice: há um triângulo amoroso (Maria das Dores - Laurindo - Senhora); o tempo é marcado três vezes (Infância - Maturidade - Velhice) e o espaço também (Soledade – Companhia – Soledade).

A busca da personagem rumo ao eu, iniciada no espaço da fazenda, é retomada e ampliada durante toda a narrativa. A transformação de Dôra intensifica-se a cada novo encontro: com Dona Loura, dona da pensão, onde a personagem começa a ajudar nos serviços para pagar sua estadia; com a Companhia de teatro da qual se torna atriz, vivendo a passar maior parte do tempo na estrada. A estrada faz parte da vida da personagem, pois esta está presente em todos os momentos de sua vida, na infância, na adolescência e na fase adulta. É o que verificamos com a seguinte passagem:

O mundo todo muda, mas aquela linha de trem não muda nunca. Cada estação era a mesma invariável dos meus tempos de menina. Lá estava a estrada dos romeiros que iam para o Canindé. Lá se passou a grande ponte do Choró [...] Por fim, o condutor passando entre as poltronas anunciou a estação de Aroeiras que estava para chegar. O trem parou e eu descii. Aquela estrada, se eu disse que a percorri mil vezes, creio que não mentia – seria pouco, talvez. Desde pequena, pequenininha, andei por ela, a cavalo, de cabriolé, de charrete, na lua da sela de meu pai, depois na de Antônio Amador. No carro novo de Dr. Fenelon cortei por ela vestida de noiva [...] por ela passei viúva, vestida de preto; por ela passei, viúva ainda, mas sem o vestido preto, no meu costume azul-marinho, dez dias depois de enterrarem Laurindo... (QUEIROZ, 2004, p. 370-373).

O espaço da estrada configura-se como elemento maior da narrativa, assim como na vida da protagonista. É através da estrada que Dôra vai vivendo e relembrando as suas lembranças. Esses espaços intermediários têm valor simbólico na medida em que estabelecem os limites que antecedem as grandes mudanças as decisões que alteram definitivamente o rumo da vida da personagem. Representa os caminhos trilhados sem marcas do caminho seguro; representa a imensidão de uma vida a ser trilhada, distante e desconhecida... A estrada leva o viajante a terras desconhecidas, a lugares longínquos, a percorrer novos espaços e ver novas paisagens. É no espaço da estrada que Doralina retorna para ser a nova senhora da Soledade.

Roberto DaMatta, na obra *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil* (1985), defende que a mudança de espaço gera a mudança comportamental. Segundo estudos deste antropólogo, o código da casa e da família é avesso, dentre outras coisas, à mudança, ao individualismo e ao progresso, enquanto o código da rua estaria aberto ao legalismo jurídico e ao progresso individualista. Segundo suas conclusões, o discurso torna-se diferente, haja vista que em casa, em geral, o comportamento observado é marcado por um conservadorismo palpável enquanto que na rua o discurso se mostra mais ousado. Nesses diferentes contextos espaciais, as relações sociais também são diferenciadas. O referido autor mostra, ainda, como a gramática social da casa brasileira está impregnada de metáforas e símbolos que revelam o lado negativo da rua em oposição ao aconchego e proteção da casa. Doralina, apesar da grande força atrativa que demonstrava sentir pelo espaço urbano, anos depois de uma vida errante voltou ao espaço da casa, marcando um percurso do sertão para o urbano e de volta para o sertão.

No espaço em que percorreu como andarilha a personagem narradora vai tecendo sua vida a partir de suas lembranças. É a memória que determina os acontecimentos, pois esta é quem liga sempre a nossa protagonista à Fazenda Soledade. É ela [a memória] quem reconstrói o espaço/tempo vivido por Dôra:

E quando eu fui armar a minha rede no quarto delas, viu-se que a cama enchia-se tudo ( me lembrei da nossa alcova da Soledade onde também não cabia a rede) e acabei ficando num quatinho ao lado, com a porta de comunicação aberta. Também como aquele outro, mil anos atrás (Queiroz, 2004, p. 194).

Através das lembranças, Doralina tece sua história num presente que sempre estará ligado a seu passado, elo indissociável que só a memória é capaz de reconstruir. Afinal era uma vida sempre presa ao espaço da casa e às suas lembranças, tão cíclica como os acontecimentos que se repetiam nessa nova vida que escolhera: a vida andarilha junto à Companhia de teatro. E essas lembranças, assim como a alma de Doralina, estavam ligadas a Soledade como um cordão umbilical que jamais se desprenderá. Era a viagem que ela sempre fazia através de sua memória. Como bem afirma Peixoto, ao referir-se à memória como espaço de redução de tempo através das lembranças, uma viagem que só a memória é capaz de reproduzir:

A viagem se converte num retorno ao passado. Não há mais efetivo percurso do espaço. É antes um movimento nostálgico no tempo. Todos voltam para a casa familiar, para os lugares de infância. Um trajeto regressivo que se aparenta à viagem sem sair do lugar da psicanálise. Faz-se na lembrança (1987, p.164).

Existe um traço entre os tempos: o passado, o presente e o futuro. O tempo se caracteriza por uma tendência geral para o futuro (do trabalho, do movimento, da ação). Este é profundamente espacial e concreto. Ele não se separa da terra, da natureza. É totalmente exteriorizado, como toda a vida humana. A vida humana e a natureza são percebidas nas mesmas categorias: as idades, as noites, os dias, o casamento, a gravidez, a velhice e a morte. Uma particularidade desse tempo, na qual nos deteremos em um momento posterior, é a marca do caráter cíclico e, conseqüentemente, da repetição cíclica que está em grande parte dos acontecimentos desse tempo. Seu impulso para o futuro é limitado pelo ciclo, por isso o crescimento não se torna uma evolução verdadeira.

É interessante destacar o pensamento de Benedito Nunes em relação ao tempo quando este afirma que: “o tempo imaginário da ficção, condicionado pela linguagem, liga momentos que o tempo real separa, inverte a sua ordem, perturba a distinção entre eles, comprime-os, dilata-os, retarda-os e acelera-os” (1995, p.350).

Em *Dôra*, Doralina o tempo se apresenta de forma que a narradora-personagem revive situações que só a memória é capaz de uni-las através das suas lembranças onde percebemos claramente dois acontecimentos que se repetem, embora em espaços e tempos diferentes.

Em síntese, o tempo e o espaço são inseparáveis. A estrada é o lugar onde se escande e se mede o tempo da história. A cada vez, é preciso voltar a ela, mesmo através das lembranças, para que o tempo avance, mostrando que existe um traço entre os tempos: o passado, o presente e o futuro que estão interligados pela memória. A vida humana e a natureza são percebidas nas mesmas categorias: o espaço-tempo construído pela narradora é tecido de forma que a vida, mesmo que esteja voltada para o futuro, é sempre um ciclo que se mostra no eterno retorno.

O final do romance *Dôra*, *Doralina* é simbólico : Zé Amador, o novo vaqueiro, filho do velho vaqueiro, Antônio Amador, conduz uma novilha que acabou de dar a primeira cria e seu bezerro. Por causa da cor vermelha, ela parece ser neta da vaca Garapu, predileta de Dôra, recebendo assim a o mesmo nome da vaca que outrora fazia parte da vida de Dôra. É o ciclo da renovação da vida, já anteriormente enunciado pela protagonista.

O nascimento da bezerra remete à ideia de começo, origem e princípio, pois tudo começaria outra vez, igual ao que se dera alguns anos atrás. A primeira cria remete à simbologia também de origem: a protagonista voltara para dar início a uma nova vida que estava diante dela, nova no sentido de que ela jamais imaginaria viver aquela situação outrora vivido por Senhora, sua mãe. Esse momento que surge na vida dela é apenas a configuração de uma vida cíclica que se apresenta de forma definitiva, porque ela está diante do seu mundo, pois tudo aquilo sempre lhe pertencera por direito, e não podia ser diferente, era o ciclo que se fechava na vida de Maria das Dores. Ela cumpria, então, o papel da Outra que um dia governara aquele lugar, era a tradição que ali se perpetuaria: assim como a bezerra que acabara de nascer, neta de Garapu, vaca predileta de Dôra e o vaqueiro Zé Amador que lhe acompanhava, estava vestido na roupa que fora do seu pai.

Tudo ali se repetia e ao mesmo tempo se renovava. Era o começo de um novo tempo na Fazenda Soledade. O mesmo princípio de vida que se apresentava para a bezerra, também se apresentava para Dôra. Para ambas era uma vida nova que chegaria de forma inesperada e particular.

A protagonista retorna para o lugar que é seu, não mais como “senhorinha” de outrora, mas como Senhora, no seu vestido preto, viúva e só: “procurava a todo instante me lembrar de como Senhora fazia; e tudo se repetia agora como no tempo dela, porque mesmo que eu quisesse não sabia fazer nada diferente, e então era a lei dela que continuava nos governando” (QUEIROZ, 2004, p. 413). Era a vida cíclica da andarilha que inevitavelmente aliava passado e presente à vida da senhora da Soledade. Ao retornar para casa que para nossa protagonista esta representava seu lar, seu ninho, seu aconchego e acima de tudo sua tradição, Maria das Dores retorna para seu espaço natural onde este representa a tradição da matriarca que desempenhou por uma vida, seu papel de mulher forte e dominadora, que tinha pulso firme e que representava também, o poderio da Fazenda Soledade.

A casa não só era o lugar de representação de poder, como também representava a alma de Dôra. A alma dela estava presa à Soledade, afinal fora uma vida construída

naquele ambiente. Mesmo na sua vida andarilha Doralina estava presa através de suas lembranças àquele espaço de construção de identidade. Eram suas raízes que ela buscava prender-se definitivamente. Aquela fuga serviu para ela perceber que sua raiz, sua tradição, sua identidade estavam unidas aquele lugar. Era seu cordão umbilical, e por mais que ela tentasse desprender estava preso ali para sempre e por toda uma vida. Não importava para aonde ela fosse, o que ela havia construído na sua vida andarilha, o que importava mesmo é que no “remate das contas” ela era filha de Senhora e isso ela não poderia mudar. Estava ali para cumprir seu papel de filha e herdeira, herdeira de toda uma tradição que há anos vinha se realizando por gerações naquele lugar.

A casa, na ficção de Rachel de Queiroz, inclui a terra, constituindo um patrimônio sólido e seguro. Nesse sentido é importante destacar: “Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda acepção do termo” (BACHELARD, 1993, p.24). Sendo assim a casa representa a segurança que ela encontra para enfrentar a nova vida que lhe espera. Era o seu único e verdadeiro lugar. E assim Dôra vai viver nesse universo que sempre fora seu.

## Conclusão

A personagem em estudo revela transformações significativas no percurso entre a casa, que neste contexto indica metaforicamente a proteção familiar alicerçada nos moldes patriarcais, e a rua, que simboliza o novo, o urbano, o desafio na construção de uma mulher que busca a conquista em seu espaço social.

Afinal, a própria Maria das Dores diz que, no remate das contas, ela era filha de Senhora e tinha o exemplo de Senhora. E a casa dela, a terra dela, a marca das pisadas dela para pisar. E sem Senhora atravancando a casa e lhe tomando a entrada de todas as portas – sem ela – lá é que era o seu lugar.

Ao retornar para a Fazenda Soledade, a personagem renasce para uma nova vida. Vida esta que ela jamais pensou em viver: de senhorinha a Senhora. Afinal, a vida continuava e ela deveria aprofundar o contato com seu eu, onde ela teve de destruir a si mesma para se libertar da própria sombra. Ela só se torna senhora através de um suicídio simbólico, eliminando aquela mulher que espelhava tudo o que tinha sido até então. Depois disso, jamais será o que queria ser.

Conclui-se que a protagonista da obra Dôra, Doralina de Rachel de Queiroz, apesar de questionar a casa e as tradições familiares em um sistema patriarcal, voltou a essa casa mais amadurecida, consciente do percurso escolhido para vivenciar suas experiências. Está adaptada à família, sem perder, entretanto, a consciência do mundo que quer construir para si. O retorno da heroína a casa comprova que ela é consciente de suas conquistas, mas “aprende a viver” no mundo em que fora lançada. A rua autentica sua maturidade, mas não a desvincula de suas raízes.

## Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São

Paulo: Brasiliense, 1985.

DIMAS, Antônio. *Espaço e romance*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1994.

COSTA, Rogério Haesbaert da. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

FILHO, Oziris Borges. (org). *Poéticas do espaço literário*. São Paulo: Clara Luz, 2009.

\_\_\_\_\_. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2000.

ORTIZ, Renato. *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. São Paulo: Olho d'Água, 1996.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Cenários em ruínas: a realidade imaginária contemporânea*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PESAVENTO, Sandra. (org). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

QUEIROZ, Rachel de. *Dôra, Doralina*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

---

i Profa. Ma., e-mail: mariaeveuma@bol.com.br.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.